

6

Conclusão

Hoje sou consciente de que as inquietações que estiveram presentes na minha vida desde a infância, aliadas à curiosidade constante e à disponibilidade para o mundo e, em particular, para o novo foram os verdadeiros combustíveis para que eu trilhasse este caminho que culmina com este trabalho.

Da decisão de entrar para a seleção do doutorado à construção do texto desta conclusão, os desafios foram muitos, assim como as estradas que surgiam. Fiz questão de imprimir em cada decisão tomada, em cada partido adotado, as minhas impressões, arriscando, já na introdução, um tom intimista demais ou questionamentos ‘não tão acadêmicos’. Acredito que ser pesquisador é muito mais do que construir e articular as teorias disponíveis; é acreditar naquilo que faz, abraçar seu trabalho, assumir suas posições e respeitar sua história de vida. É isso que fiz aqui. Durante toda a pesquisa fiz questão de ser o que sou: uma designer que mergulha em mundo relativamente novo e, portanto, olha para ele com o estranhamento dos ‘leigos’, com a curiosidade de um pesquisador e com encantamento de um apaixonado. Agora, terminando este caminho, vejo como um dos pontos mais positivos deste trabalho esta possibilidade hipertextual que me permitiu e que tornou possível este desenho de pesquisa.

Outro grande desafio foi a organização linear de um pensamento hipertextual. Não tenho como omitir a dificuldade de estabelecer uma seqüência lógica de algo que estava em permanente ramificação, ou melhor, dizendo, que apresentava inúmeros links possíveis que apenas enriqueciam e complementavam os conteúdos abordados. Qual caminho tomar? Qual alternativa abandonar? Onde enxugar sem perder conteúdo? Responder a estes tipos de perguntas foi um dos grandes passos na direção da minha construção como pesquisadora que pretende sempre estar envolvida com temas como construção do conhecimento e novas tecnologias sob abordagens orgânicas, hipertextuais e flexíveis assim como é o pensamento humano.

Dentro deste vasto universo, não tenho como negar que as relações de ‘ensino-aprendizagem’ que envolvem suportes didáticos das mais variadas naturezas são a mola mestra das minhas inquietações. Nestes suportes, meu foco quase sempre é onde existe a linguagem visual, a imagem no conceito amplo que trouxe nos capítulos apresentados.

O encontro entre professor, alunos, construção do conhecimento e imagem, apesar de acontecer cotidianamente, ainda carece de mediação, de atenção e de investigação.

Acredito que esta mediação não é nenhum bicho de sete cabeças, ela pode ser feita de maneira simples, basta um *zapping* ou alguns cliques acompanhados de uma abertura para o novo, deixando de lado a condenação das mídias, sejam elas tradicionais ou novas.

Nas mídias, a visualidade - um das capacidades mais antigas do ser humano que, ao longo do processo civilizatório, foi aos poucos sendo relegada a segundo plano – tem papel principal, diria fundamental; muitas vezes o verbal tem função coadjuvante. Como fica essa relação nas escolas? Na universidade?

Nos ambientes de aprendizado se faz a construção do conhecimento do mundo, mas também se promove a constituição do sujeito (enquanto construtor de si e de seu conhecimento) que, desse modo, tenderá a se sentir mais seguro, mais capaz, mais realizado frente ao seu contexto, na medida em que domina, ou que se apropria do conhecimento transmitido, mesmo que este conhecimento não esteja sendo transmitido única e exclusivamente em um ambiente institucionalmente destinado à aprendizagem. Atentar, portanto, para quais outras fontes estão sendo utilizadas neste movimento de aprendizagem se faz necessário e extremamente importante. Pensar os suportes presentes no cotidiano de quem aprende não é difícil; as mídias e as novas tecnologias estão aí, cada vez mais como parte do dia a dia do sujeito, diminuindo enormemente o fosso que, durante muito tempo, esteve presente entre o lúdico e o aprender e, por isso mesmo, suportes que parecem exercer um papel cada vez mais definitivo na aprendizagem.

Particularmente em relação à universidade, ao propor a tarefa de transmitir conhecimento, é sua função essencial colocar seus alunos no mundo científico e, para tal, usar uma didática fundamentada em conceitos científicos. Sabe-se, porém, antecipadamente, que nem todos os alunos estarão ‘disponíveis’ ou ‘permeáveis’ a esta didática, que, por sua vez, nem sempre será uma didática voltada para permitir que o aprendente faça, ele mesmo, a construção do seu conhecimento pois, muitas vezes, não passará de uma mera repetição de dados. Mas como solucionar essas lacunas? Talvez o caminho seja levar em conta o que todos estes sujeitos têm em comum: o acesso às suas realidades, aos seus cotidianos midiáticos. E para fazer-se isso, há que se tomar como objeto de estudo o homem e sua circunstância, não mais dentro de uma visão simplista e

específica O homem é complexo e a relação homem-ambiente é igualmente complexa.

A meu ver torna-se de fundamental importância a inserção da sistematização do conhecimento em um contexto de totalidade, onde se deixe um pouco de lado o especialismo (a especialização) e se permita um olhar sobre a complexidade do mundo em que vivemos, sobre o sentido da presença do ser humano no mundo. Desta maneira, tornam-se possíveis constantes revisões sobre a postura na relação metodológica entre quem ensina e quem aprende, postura que leve em conta os pressupostos de substituição de uma concepção fragmentária, pela concepção unitária de ser humano no sentido da recuperação da totalidade.

Buscar a interdisciplinaridade é não ignorar as peculiaridades de cada área de conhecimento; pelo contrário, é articulá-las, organizá-las em uma grande estrutura hipertextual na qual todos podem dar suas contribuições e decidir qual caminho trilhar, é considerar a construção do conhecimento como um processo que busca superar os vazios que separam e isolam as diferentes áreas, através do trabalho articulado das suas interseções e diferenças.

Aliás, verifico que no próprio campo do Design, a formação básica, no qual o estudo da imagem visual é essencial, é uma atividade que tem como foco o homem e o meio com o qual ele interage, precisando entender essa interação partindo de uma visão macro, contextualizada, tanto do homem quanto do meio.

E foi partindo desse homem que desde os primórdios usou a imagem como comunicação e que hoje dispõe de um instrumento, a Internet, que se aproxima da sua estrutura de pensamento, que este trabalho se desenvolveu.

De tudo que foi exposto, a 'leitura' de uma imagem parece requerer que se leve em conta, por um lado, leitores capazes dessa prática e, por outro, uma imagem capaz de fornecer significados, não se constituindo em mero adorno.

Creio que pode se falar sim de um alfabetismo visual que hoje, graças à Internet, vem se desenvolvendo na prática pelos usuários de maneira geral que, como vimos, são aprendentes. Mais do que pensar no uso da ferramenta, na capacitação para a máquina pura e simplesmente, há de se pensar na essência do uso e do conteúdo desta ferramenta. Afinal se é dado um hidrocor na mão de uma criança, ela acaba descobrindo sua função, mas não sem antes 'comer' o hidrocor, rabiscar tudo menos o papel, e ainda sim quando ela rabisca o papel e começa dominar a técnica de transferir tinta do hidrocor ao papel, é importante que existam estímulos externos de como essa transferência pode ser feita, estímulos esses que podem ser incentivos, instruções, questionamentos e, por que não, direcionamento. É assim também com as novas tecnologias, com o mundo visual que é a Internet. Se houver estímulos, entendimento do como tudo se dá a respeito dele, melhor será sua utilização.

Neste pequeno universo em que me detive na pesquisa, a exploração das teorias da Psicanálise e da Gestalt aliadas a um conceito de imagem abrangente me mostraram como e porque, muitas vezes, uma imagem pode mascarar uma realidade escondida além dela mesma. Pensar na diagramação do suporte que será disponibilizado em iniciativas que visam promover a construção do conhecimento é essencial, já que o ‘consumidor’ desse suporte é sempre um agente ativo da apropriação. Quem produz esses suportes não os deve encará-los como meros receptáculos, como lugar secundário de uma coisa mais importante, pois eles são a apropriação de quem os fez, que será apropriada por alguém que é muito mais que uma areia molhada que aceita qualquer inscrição, é um sujeito social com uma carga de representações construídas ao longo da vida.

Naveguei também por entre as representações e apropriações da Internet feitas pelos jovens. Para eles, informação e conhecimento se fundem; cada vez mais as fontes são as mesmas, com o acesso cada vez mais facilitado às novas tecnologias; o tempo livre se confunde com todo resto, mesmo que, algumas vezes, em seus discursos, exista uma necessidade de marcar fronteiras delimitadoras desses espaços. Esta necessidade, para mim, é consequência de um paradigma social imposto de que o lazer e o dever devem habitar esferas distintas. Por isso, é que para integrar esses mundos é preciso se desprender dos paradigmas engessantes e olhar o novo, com estranhamento sim, mas sem pré-conceitos, para que essa relação seja a mais equilibrada possível, sem fanatismos e sem condenações.

Notei que, ao contrário de muitos teóricos que ainda insistem em polarizar, seja endeusando ou condenando, a discussão a cerca da importância da imagem, ou de novas mídias como a Internet, os jovens vivem essas tensões de maneira bastante natural e tranqüila. São conscientes e críticos, assumem atração pelo meio e a importância dele em suas vidas. Esta naturalidade é o indício de que esta geração está muito perto da naturalização da Internet ainda que não sejam considerados ‘nativos’ legítimos.

A Internet, por ser uma mídia que, diferente de outras como a televisão, permite uma imensa possibilidade de customização pelo sujeito, proporciona inúmeras modalidades de inserção no âmbito pedagógico, além de constituir um campo de pesquisa muito vasto. Foi através do uso das imagens que se deu minha aproximação com este campo.

Porque as imagens?

Porque, desde sempre, ver é um verbo que praticamos antes mesmo de crescer, de falar, de escrever. Vemos para pensar, para elaborar.

Ver não é necessariamente enxergar. Ver é perceber, examinar, descobrir, visualizar, apropriar, observar, contemplar, reconhecer, compreender, sentir, ler, olhar, é, enfim, representar.